

Práticas pedagógicas para o ensino das relações étnico-raciais na formação docente

Elisandra Pereira ¹, Marília Guimarães Pinheiro ²

¹ IFSP- NEABI – câmpus Sertãozinho – elisandra.pereira@gmail.com

² IFSP – câmpus Sertãozinho - mariliapinheiro@ifsp.edu.br

Resumo: Esse estudo traz o resultado de práticas pedagógicas aplicadas em um curso de extensão para a formação de professores para o ensino das relações étnico-raciais - etnia negra, para o cumprimento da Lei 10.639/2003 e suas diretrizes. O curso realizado pelo Instituto Federal de São Paulo – câmpus Sertãozinho, com duração de quarenta horas, realizado desde setembro de 2017, já formou três turmas de professores atuantes na rede pública de Sertãozinho e região. Para a elaboração desse estudo tomou-se como base, a observação da formadora e os relatos dos alunos apresentados ao longo e ao final do curso. Utilizou-se nesse curso uma metodologia expositiva e dialogada para apresentar informações e fatos históricos referentes à população africana e afrobrasileira. Dentre as atividades práticas, realizou-se oficinas de bonecas negras Abayomi, e amarração de turbantes. Esse curso tem como objetivo desenvolver nos professores a desconstrução de conceitos racistas relacionados aos negros. Como resultado, além da desconstrução de velhos conceitos, houve a construção de novas concepções sobre a história e cultura africana. Assim, por meio da dinâmica do curso, os alunos demonstraram mais tranquilidade em lidar com essa temática, e dentre esses, alguns decidiram, mesmo durante o curso, inserir em suas aulas, os conhecimentos adquiridos até então. Diante desse resultado, entende-se que, o curso, não só promoveu o desenvolvimento profissional, social e humano dos alunos-professores, como também se tornou fonte de pesquisa, para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que viabilizam o ensino das relações étnico-raciais – etnia negra, as quais poderão ser aplicadas tanto em cursos de licenciaturas, como na formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.

Palavras-chave: Formação docente. Práticas pedagógicas. Lei 10639/2003

Linha Temática: Formação Inicial e Continuada de Professores (FP)

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo traz o resultado de práticas pedagógicas desenvolvidas em um curso de formação de professores para o ensino das relações étnico-raciais: etnia negra, como também a influência dessa formação no aprimoramento profissional, social e humano dos alunos. O curso foi desenvolvido em acordo com a Lei 10639/2003, tida como um marco do avanço no tratamento da questão racial no ponto de vista governamental e legal e, portanto, deve ser compreendida como uma política de ação afirmativa. Para Gomes (2001 apud ALMEIDA; SANCHEZ, 2016, p.56), tanto a Lei, como suas diretrizes buscam promover transformações de ordem cultural, pedagógica e psicológica, visando tirar do imaginário coletivo a ideia de supremacia racial versus subordinação racial; coibir a discriminação do presente; eliminar os efeitos persistentes (psicológicos, culturais e comportamentais) da discriminação do passado, que tendem a se perpetuar e que se revelam na discriminação estrutural. Diante disso, considera-se satisfatória a dinâmica adotada no curso por essa corroborar com Silva (2007, p. 492), no tocante ao processo de ensinar e aprender em sociedades multiétnicas e pluriculturais, como a brasileira. Para essa autora, o ensino das relações étnico-raciais deve ser abordado pedagogicamente ou como objeto de estudos com competência e sensatez, pois, requer de professores (as) e pesquisadores (as): não fazer vista grossa para as tensas relações étnico-raciais que “naturalmente” integram o dia-a-dia de homens e mulheres brasileiros. Esses profissionais devem admitir ou tomar conhecimento de que a sociedade brasileira projeta-se como branca; como também, deve ficar atento(a) para não reduzir a diversidade étnico-racial da população a questões de ordem econômico-social e cultural; desconstruir a equivocada crença de que vivemos numa democracia racial (SILVA, 2007, p. 492). Além

disso, também é importante mencionar aos desenvolvedores de curso de formação, que de acordo com Antuniassi (2006, apud GRISA; CAREGNATO, 2016, p. 275), [...] as representações de professores, sobre relações étnico-raciais evidenciam a necessidade de atenção, a partir de uma perspectiva antirracista, pois, essas representações são entendidas como uma categoria de análise em que os sujeitos “exprimem uma visão de mundo que reflete sua posição num espaço social, entendido simultaneamente como campo de forças e de lutas”. Somado a esse fato, segundo Grisa e Caregnato (2016), o papel do professor é visto, por estudiosos dessa temática, como um dos alicerces na mediação para que seja ultrapassada a barreira cultural, marcada pela construção social negativa sobre a etnia negra. Essa mediação se baseia em um processo político de empoderamento e de pertencimento étnico, e por essa razão, acredita-se que é por meio da intervenção pedagógica calcada na denúncia do mito da democracia racial, no debate sobre a noção de raça e na problematização da branquitude que o educador pode contribuir para uma maior equidade nas relações étnico-raciais. Compreende-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas no curso, atingiram o propósito de formar professores informados e comprometidos com o desenvolvimento de práticas de combate ao racismo, como também em colaborar para a construção da identidade étnica da população negra.

2. MATERIAIS E METODOLOGIA APLICADA NO CURSO

Para a realização do curso foram usados um computador, projetor e plataforma moodle IFSP. O curso foi desenvolvido em quarenta horas (40h), divididas em vinte e quatro horas na modalidade presencial e dezesseis horas na modalidade à distância, no total de 5h semanais. Os encontros presenciais ocorriam uma vez por semana com três horas, e duas horas de atividades EaD (plataforma moodle IFSP- Sertãozinho). As atividades EaD, correspondiam ao mesmo conteúdo abordado na aula presencial, porém, em formato de vídeos ou textos seguidos de atividades com prazo para o envio. A metodologia usada foi expositiva e dialogada, sempre interligando os fatos do passado e seu resultado no presente, as carteiras eram posicionadas em formato de U para estimular a participação dos alunos (professores da educação básica em exercício, na faixa etária entre 25 a 45 anos). Por demandar a desconstrução de conceitos, o número de participantes foi limitado em 20 por turma. No primeiro dia de aula, antes de apresentar os conteúdos, cada aluno foi questionado, sobre o que lhes vêm à mente, quando ouvem as palavras: África e Escravidão. O conteúdo do curso foi apresentado numa sequência temporal; 1.A África e seus Reinados e Impérios; 2. A História de Resistência dos Negros no Brasil; 3. Os Ideais Eugenistas, Ciência Positivista, Política do Branqueamento no Brasil e Branquitude; 4. Heroísmo do povo negro: abordou a memória como instrumento de poder; 5. A Lei 10.639/2003 e suas Diretrizes; 6. Racismo no Ambiente Escolar: debateu-se sobre abordagem incorreta de docentes, e a importância da representatividade para os estudantes negros; 7. Movimento Feminismo Negro: abordou-se a saúde, solidão e profissionalização da mulher negra – oficina de bonecas Abayomi e Turbante. 8. Avaliação.

3. RESULTADOS

Os resultados de cada ação acima são apresentados na sequência. Com relação a resposta dos alunos a questão: Ao ouvirem as palavras África e Escravidão, o que vem à sua mente? Cada aluno de sua resposta e, as palavras ou frases mais ditas foram para o termo **África**: “lugar de miséria”, “fome”, “pobreza”, “dor” e para o termo **Escravidão**: “dor”, “falta de liberdade”, “tristeza”, “humilhação”. Percebe-se que não há nenhuma palavra positiva ou alguma que se refira ao homem branco e suas práticas de escravizador. Entende-se que a ideologia sobre a supremacia racial, impede que o indivíduo branco seja atrelado a escravidão. Portanto, há a necessidade de auxiliar os alunos a refletirem, para que consigam inserir o

indivíduo branco como idealizador do processo de escravidão. Ao abordar o conteúdo da aula 1, os alunos demonstravam os sentimentos de surpresa, alegria, alívio, indignação e revolta por não terem tido acesso ao longo de seu período de escola e de graduação. Nesse momento, começam as lembranças de situações racistas vivenciadas e que poderiam ter sido respondidas. Na aula 2, foram apresentados negros brasileiros e seus feitos heroicos ou contribuições sociais, como Maria Felipa de Oliveira, Luisa Mahin, Luiz Gama, João Cândido e Nilo Peçanha, ao longo das apresentações, os alunos faziam suas anotações e comentavam entre si, em qual conteúdo de suas aulas poderiam inserir o novo conhecimento, alguns alunos negros, se emocionavam. Na aula 3, ao falar sobre os ideais eugenistas, os alunos demonstravam “horrorizados”, mas a maioria “revoltados”, percebeu-se que foi um dos pontos que mais “doeu” nos negros e “revoltou” os brancos, foi nessa aula também que alguns alunos negros, começaram a olhar para sua pele e dizer “sou negra/o” com orgulho, com força na voz, outros ficaram em silêncio, mas atentos as imagens, e outros tinham lágrimas nos olhos. Quanto aos alunos brancos, percebiam nesses, além da revolta, um desconforto “social”, e todos esses começaram a demonstrar maior interesse em trabalhar com a temática de forma urgente em sala de aula, esse momento é considerado pela formadora, a conscientização plena da inexistência de uma “democracia racial e da supremacia ariana/branca”. Esse é um momento significativo no curso, um divisor de águas, percebe-se pelas falas da maioria, “um despertar” de um compromisso para com seus alunos negros, mas não mais por entenderem esses como “coitados”, mas sim, por se conscientizarem do processo de desumanização praticado por brancos contra os negros. O conceito de branquitude, demonstrou ser novidade para todos os alunos, no entanto, após a explicação o mesmo advém da imposição da cultura branca, que pela força, acabou por estabelecer o racismo ideologicamente e, por consequência, a branquitude, ou seja, a identidade do branco vivenciada imaginariamente como se fosse uma essência herdada, um potencial que confere ao indivíduo poderes, privilégios e aptidões intrínsecas. A partir dessa compreensão, alunos brancos e negros iniciaram diálogos, sobre situações cotidianas, nas quais esse conceito é percebido. Na aula 4, ao tomarem conhecimento da história da abolição, do significado da flor Camélia e dos líderes sobre abolicionistas brancos e negros, discutiram o papel da princesa Isabel, como também, mudanças na comemoração do 13 de maio. Na aula 5, sobre a Lei 10.639/2003 e suas diretrizes, após terem sido discorridos tantos fatos sobre a história do negro, essa lei foi de fato compreendida. Nesse ponto alguns alunos começaram a comentar sobre como estavam inserindo os conhecimentos adquiridos em suas aulas, como também, as reações de seus alunos. Nesse momento, os alunos-professores (negros e brancos) traziam consigo uma expressão de quem “está cumprindo um dever”, outros demonstraram estarem inseguros. Na aula 6, os alunos mencionaram como o curso havia mudado a forma de verem seus alunos negros, como também de atuarem em suas aulas e que se sentem mais seguros para intervir em casos de racismo/discriminação. Na aula 7, ao tomarem conhecimento de pesquisas que demonstram as condições da meninas e mulheres negras com relação a autoestima, a solidão e identificação étnica, e a influência do racismo na ascensão profissional, como também no tratamento de saúde, como sugestão de abordagem, nesse caso, como a realização de um concurso de beleza, e por fim, foram realizadas as oficinas de confecção das bonecas Abayomi e de amarração de turbantes, cada oficina foi acompanhada pela história desse símbolo. Na aula 8, dia da avaliação, os alunos se expressaram sobre o curso.

4. SUGESTÕES DE PRÁTICAS

Antes de trabalhar com essa temática na formação docente sugere-se que os alunos-professores se aprofundem nos conhecimentos, se desconstruam de crenças como “democracia racial” ou “meritocracia”. Sendo branco, é importante que estude sobre

branquitude e busque compreender os privilégios. Sendo negro, busque se construir etnicamente, isso é imperativo para (re)construir a identidade étnica de outros negros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o curso atingiu seu propósito ao desconstruir nos alunos as concepções racistas presentes na sociedade. Nesse curso, os alunos negros encontraram motivações para construir e/ou fortalecerem sua identidade étnica, e ambos, negros e brancos, despertaram um novo olhar para a história do negro, e isso, fez com que buscassem inserir em suas aulas e também em seus grupos sociais o conhecimento adquirido no curso. Todos os alunos relataram que o curso mudou a forma de enxergarem a história do povo negro e, a maioria, que se sente mais tranquilo para trabalhar com essa temática, como também de fazerem parte da construção da identidade étnica de seus alunos. Acredita que a abordagem e a dinâmica desse curso podem auxiliar no desenvolvimento de práticas sobre essa temática em cursos de licenciatura ou na formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, M.A.B.; SANCHEZ, L.P. **ENEM: ferramenta de implementação da Lei 10.639/2003 – Competências para a transformação social?** Educação em Revista. Belo Horizonte. v. 32. p.79-103. Janeiro – Março. 2016.
2. GRISA, G. D.; CAREGNATO, C. E. **Educação escolar e relações étnico-raciais a partir de representações dos Professores.** IN: Rev. educ. PUC-Camp. **Racismo e Educação escolar.** Campinas, 21(3):271-279, set/dez. 2016.
3. SILVA, P. B. G. e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre/RS. Educação. Ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set/dez 2007.